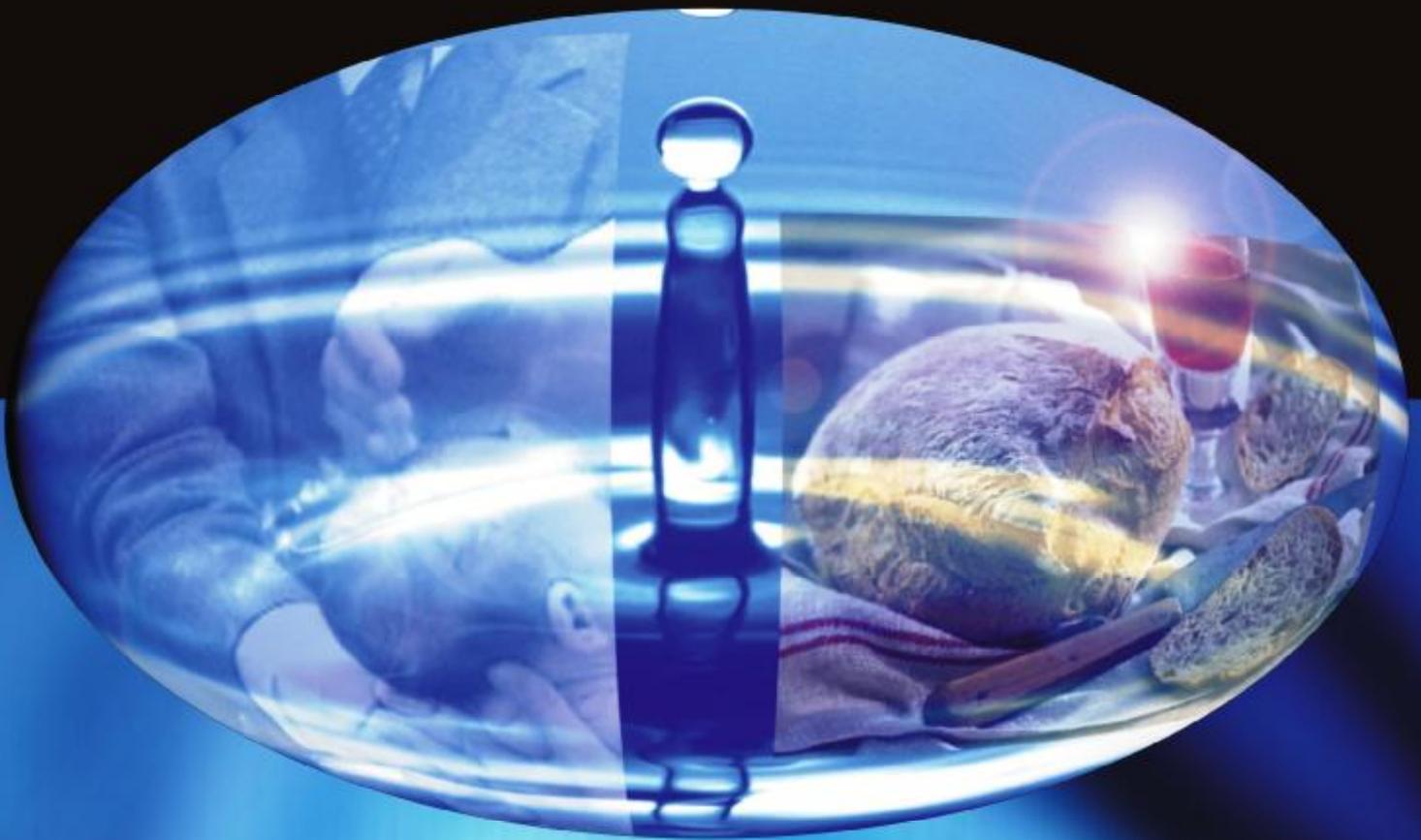


A DOUTRINA REFORMADA DOS SACRAMENTOS



Ronald Hanko

Título original: *Doctrine according to Godliness* (pg. 255-280)

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Capa: Raniere Menezes

Primeira edição em português: Dezembro/2007

Direitos para o português gentilmente cedidos ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Bíblia Almeida Corrigida e Fiel*, salvo indicação em contrário.

Sumário

Prefácio à Tradução Portuguesa	4
Os Sacramentos	5
Dois Sacramentos	7
O Simbolismo do Batismo	9
O Sinal e a Realidade do Batismo	11
O Significado do Batismo	13
O Modo do Batismo	15
O Batismo do Etíope Eunuco e de Jesus	17
Batismo Infantil no Novo Testamento	19
Batismo de Família	21
Batismo e Entrada no Reino	23
Batismo e Circuncisão	25
Incrédulos e o Pacto	27
Fé e Batismo	29
Discipulando e Batizando as Nações	31
A Ceia do Senhor	33
A Presença de Cristo na Ceia do Senhor	35
Pão e Vinho na Ceia do Senhor	37
Auto-Exame e a Ceia do Senhor	38

Prefácio à Tradução Portuguesa

O presente “livro” é uma compilação dos textos extraídos e traduzidos por mim do livro *Doctrine according to Godliness*, do Rev. Ronald Hanko.

Meus agradecimentos ao Rev. Angus Stewart, que conseguiu a autorização para que eu traduzisse esse e tantos outros textos dos excelentes livros publicados pela *Reformed Free Publishing Association*.

Tenho certeza que as páginas que seguem serão de grande utilidade para todos os que desejam defender a doutrina bíblica do batismo e ceia do Senhor.

Felipe Sabino de Araújo Neto
Brasília, 28 de dezembro de 2007

Os Sacramentos

Estudaremos agora o difícil assunto dos sacramentos. Por um lado, é inquietante que os sacramentos, apontados por Cristo como marcas da unidade da igreja, sejam uma causa principal de divisões na igreja. Por outro lado, quase tudo o que uma igreja crê vem a se focar nos sacramentos, de forma que não é surpresa que eles marquem as divisões entre igrejas e cristãos. Falamos dos sacramentos não para promover divisões, mas com a esperança e oração que possa haver unidade na verdade.

O que são os sacramentos? A palavra *sacramento* vem de uma palavra latina que significa “juramento”, e embora não seja encontrada na Escritura, usamo-la porque cada sacramento é uma promessa ou juramento visível, tangível (tocável) de Cristo para a sua igreja.

A palavra *sacramento* é usada para se referir a certos ritos especialmente dados por Cristo à sua igreja para confirmar suas promessas a ela. Esses ritos devem ser usados na igreja até que Cristo volte (Mt. 28:19, 20; 1Co. 11:26).

Esses ritos ou cerimônias são símbolos ou sinais. Isso é evidente a partir do fato que Jesus chama o pão da ceia do Senhor de “meu corpo”, e o cálice de “o novo testamento no meu sangue” (Lucas 22:20). Visto que o pão e o cálice não podem ser essas coisas literalmente, como esperamos mostrar, devem ser *sinais* do corpo e sangue de Cristo.

Vemos essa mesma coisa no batismo. A Escritura chama pelo mesmo nome o batismo com água e o lavar dos pecados pelo sangue de Cristo. Tanto o sinal como a realidade espiritual têm o mesmo nome: *batismo* (compare Atos 2:41 e 1Pe. 3:21).

Esses símbolos e sinais são dados para ajudar a nossa fé (Juízes 6:36-40; Lucas 1:18-20; Lucas 2:12). Eles ajudam a nossa fé de duas formas: retratando as realidades invisíveis e espirituais; e apontando para Cristo como o Salvador completo. Necessitamos deles porque nossa fé é freqüentemente fraca, e devemos crer sem ver (João 20:29; 2Co. 5:7).

Crendo que há continuidade entre a circuncisão e o batismo, e entre a páscoa e a ceia do Senhor, vemos os sacramentos como *selos* (Rm. 4:11) também. De fato, se são sinais, devem ser selos também, pois sinais sempre confirmam ou selam algo.

Como selos, os sacramentos não funcionam apenas retratando realidades espirituais aos crentes e nos ensinando certas coisas, mas também *fortalecendo e confirmando a nossa fé*. Os sacramentos fortalecem nossa fé ao nos assegurar no batismo que tão verdadeiramente como a água lava os nossos corpos, assim o sangue de Cristo lava as nossas almas, e na ceia do Senhor que tão verdadeiramente como o pão e o vinho nos nutrem e refrescam, assim Cristo é diariamente a comida, bebida e vida das nossas almas.

Os sacramentos, então, são um testemunho maravilhoso e extraordinário da bondade e misericórdia de Deus, que não nos despreza, mas nos sustenta em nossa fraqueza. Por essa razão, os sacramentos são necessários, e nosso uso deles é uma evidência da nossa confiança em Deus.

Dois Sacramentos

Por que existem dois sacramentos e somente dois? Essa questão precisa ser respondida por causa dos erros do Romanismo com seus sete sacramentos, e por causa da tendência de alguns grupos Protestantes em exaltar coisas, tais como lavar os pés, manusear serpentes e outros ritos, a um lugar na igreja de igualdade aos sacramentos.

Como sabemos que algo é um sacramento? A resposta é que ele deve ser um *ritual simbólico* ordenado por Cristo mesmo e confirmado pelo mandamento ou prática dos apóstolos. Referimo-nos a isso como a “instituição” dos sacramentos. Fica excluído então o lavar os pés, que, embora realizado por Cristo, não foi ordenado por ele como um rito da igreja, nem confirmado por mandamento ou exemplo dos apóstolos.

Torna-se claro que os sacramentos adicionados por Roma não satisfazem esses critérios mais que o lavar os pés. Confirmação de crianças, penitência e ordens religiosas não são simbólicos de algo, e práticas tais como último sacramento (“extrema-unção”) e ordens religiosas não foram ordenados por Cristo ou pelos apóstolos. Nem é o casamento, embora simbólico, requerido por Cristo ou os apóstolos como um sacramento da igreja (1Co. 7:1, 6-8, 25-27, 32-34).

Tudo isso, contudo, não responde a pergunta, “Por que dois sacramentos?”, e mais particularmente: “Por que esses dois – batismo e ceia do Senhor?”. Essas questões devem ser respondidas para que possamos fazer um uso mais proveitoso dos sacramentos.

A razão pela qual existem somente dois sacramentos é encontrada nos próprios sacramentos. Juntos eles simbolizam o *todo* da nossa vida cristã. O batismo simboliza nossa *entrada no pacto* e salvação de Deus, e *a forma* como entramos. A ceia do Senhor simboliza nossa vida *dentro* desse pacto à medida que desfrutamos e vivemos a salvação que Cristo nos deu gratuitamente. Não há nenhuma necessidade ou lugar, portanto, para outros sacramentos, pois não há mais nada para simbolizar.

A coisa maravilhosa sobre os sacramentos é que, ao retratar esses dois aspectos de nossa vida cristã, eles dão um testemunho unido a Cristo. Juntos eles dizem que tudo o que temos é dele, por meio dele, para ele, e nele – que sem ele não somos e não temos nada. Juntos dizem o que Pedro diz em Atos 4:12: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. O testemunho deles é aquele de Paulo em Efésios 1:3: que temos “*todas as bênçãos espirituais em Cristo.*”

Os sacramentos falam do fato que a morte e sangue de Cristo são centrais. O batismo nos lembra que por seu sangue e sacrifício entramos na vida cristã. A ceia do Senhor adiciona que pelo sangue e sacrifício de Cristo, vivemos, nos movemos e temos nossa existência, força e alimento espirituais, um vez que tenhamos entrado na comunhão de Deus. O sacrifício de Cristo é tudo para nós.

Que dons maravilhosos Deus nos deu nos sacramentos! Não usemo-los com descuido e sem fé.

O Simbolismo do Batismo

Começamos nosso estudo do batismo com certo temor, conhecendo as diferenças que existem entre os cristãos sobre este assunto importante. Todavia, embora não tenhamos o desejo de ofender aqueles que são de uma persuasão Batista, cremos que o testemunho da Escritura é claro. Apenas pedimos que eles ouçam o que temos a dizer.

A primeira questão, então, é o *simbolismo* do batismo. Não cremos que a água do batismo tenha alguma eficácia ou poder, como o Romanismo, Anglicanismo e Luteranismo ensinam. Seu valor está no fato de que ela é um *símbolo*.

Todos concordariam, estamos certos, que a água do batismo simboliza o sangue de Cristo, e que a aplicação da água (por ora, deixamos de lado a questão de *como* ela é aplicada) representa o lavar dos pecados pelo sangue precioso de Cristo.

Em outras palavras, o batismo representa a aplicação da salvação na justificação (a remoção da culpa dos nossos pecados) e santificação (a remoção da sujeira e poluição dos nossos pecados). Portanto, ele representa o perdão dos nossos pecados quando recebemos tal perdão em nossa justificação e através da fé, como também a obra de Deus pela qual somos feitos santos na regeneração e santificação.

Enquanto o batismo representa a aplicação da salvação – o lavar dos nossos pecados na justificação e santificação – a água representa não somente o sangue de Cristo, mas também o *Espírito* de Cristo. Ele é aquele em quem e por quem somos lavados (batizados), tanto para remissão como para a purificação dos nossos pecados.

Esta é a razão pela qual a Escritura descreve o dom do Espírito como um batismo (Mt. 3:11; Atos 1:5; Atos 11:16; 1Co. 12:13). Ele é um batismo, por nenhuma outra razão senão a de que o Espírito tem uma função importante na purificação do pecado. Ele é aquele que aplica em nós o sangue de Cristo, tanto para nossa justificação como para a nossa santificação, e visto que ele faz isto dando-nos ele mesmo, podemos ser ditos como tendo sido batizados não somente *no sangue*, mas também *em* ou *com o Espírito* quando somos salvos.

Isto tem muitas conseqüências importantes. Primeiramente, ela é uma resposta ao erro do Pentecostalismo, que ensina que o batismo no Espírito é algo adicional ou subsequente à salvação. O batismo no ou com o Espírito não é outra coisa senão a salvação. Isso é claro a partir da Escritura (Atos 2:38, 39; Rm. 5:1-5; Rm. 8:9; 1Co. 12:13 comparado com João 7:37-39; Gl. 3:2; Ef. 1:13, 14).

Tudo isto tem conseqüências também para o *modo* do batismo. Se a água do batismo representa *tanto* o sangue *como* o Espírito de Cristo, então deve ser observado que a Escritura descreve invariavelmente a aplicação de ambos em termos de derramar ou aspergir. Este é um ponto que explicaremos em “O Modo do Batismo”. O ponto aqui é que o batismo simboliza belamente o lavar e a remoção dos pecados *pelo sangue e pelo Espírito de Jesus Cristo*, e assim, nos mostra como entramos no pacto de Deus: pela graça somente e por Cristo somente.

O Sinal e a Realidade do Batismo

É fundamental, quando falando de batismo, perceber que o uso da palavra *batismo* no Novo Testamento tem dois sentidos diferentes. A falha em reconhecer isso freqüentemente leva ao equívoco e erro.

Algumas vezes quando o Novo Testamento usa a palavra batismo, ele está se referindo ao sacramento ou ritual: o que poderíamos chamar de *batismo com água* (Mt. 3:7; Mt. 28:19; Atos 2:38, 41; 1Co. 10:2). O batismo com água na verdade não é batismo, propriamente falando, mas o *sinal* do batismo, um símbolo apontando para uma realidade invisível e espiritual.

Em distinção do símbolo ou sinal, a *realidade* do batismo é o lavar dos pecados pelo sangue e Espírito de Jesus Cristo. Essa é a realidade da qual o batismo com água é apenas uma figura. Falando de batismo nesse sentido espiritual, é inteiramente apropriado dizer que o batismo nos salva (1Pe. 3:21).

Muitas passagens no Novo Testamento falam dessa realidade salvífica espiritual e não do sinal do batismo com água. As mais notáveis dessas são Romanos 6:3-6,¹ 1 Coríntios 12:13,² Gálatas 3:27,³ Efésios 4:5,⁴ Colossenses 2:12,⁵ e todas aquelas passagens que falam de ser batizado no ou com o Espírito Santo.

Nenhuma dessas passagens fala de batismo com água. A menos que percebamos isso, cairemos em todos os tipos de erros e chegaremos a conclusões muito errôneas, tais como pensar que a *água* salva (1Pe. 3:21) ou que a *água* nos traz à união e comunhão com Cristo (1Co. 12:13).

A diferença entre sinal e realidade é evidente no fato que nem todos os que são batizados com água recebem a *realidade* do batismo. Nem todos os que permanecem sem serem batizados com água perdem por causa disso a realidade espiritual do batismo, pela qual somos salvos.

Todavia, os dois estão relacionados. O primeiro é o sinal ou figura do outro, e isso não pode ser esquecido. Um sinal no qual lemos “Chicago”, mas aponta para “Houston” seria apenas ilusão e engano. O sinal sempre deve apontar para a realidade, se há de ser útil para nós. Assim, o sinal deve estar de acordo com a realidade, e a realidade com o sinal.

¹ “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”.

² “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito”.

³ “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”.

⁴ “Um só SENHOR, uma só fé, um só batismo”.

⁵ “Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos”.

Por exemplo, a questão do modo do batismo com *água* pode até certo ponto ser respondida examinando-se o modo do batismo *espiritual*. Se perguntarmos, “Como somos batizados pelo sangue e Espírito de Cristo?”, a resposta da Escritura é, “por aspersão ou derramamento”. Seria estranho, para não dizer enganoso, se o sinal e a realidade não estivessem de acordo nesse ponto.

Da mesma forma, a realidade também deve estar de acordo com o sinal. Não teria sentido de forma alguma ter o *comer* o pão e o *beber* o cálice, embora também representem a morte de Cristo, como símbolos da *limpeza* do pecado pelo sacrifício de Cristo. O sinal também deve sugerir limpeza.

De fato, Cristo nos deu o sinal para nos ajudar a entender e crer na realidade. Eu posso dizer: “Pode algo realmente lavar o *meu* pecado – remover *todos* eles? Isso é inacreditável! Meus pecados são grandes e muitos”. Então o sinal do batismo diz, “Tão verdadeiramente como a água remove a sujeira do corpo, assim o sangue de Cristo remove verdadeiramente o pecado”, e isso encoraja a minha fé em Cristo e no seu sacrifício.

O Significado do Batismo

É frequentemente alegado que a palavra *batismo* do Novo Testamento significa apenas “imersão” ou “submersão”. Sem entrar aqui no todo da questão sobre o modo do batismo, um pequeno estudo da palavra mostrará que este não é o caso.

Tal estudo mostrará que há várias passagens no Novo Testamento nas quais a palavra *batismo* não pode e não têm o significado de “imersão/submersão”. Imploramos, portanto, que aqueles que crêem de outra forma, ouçam nosso lado da questão e não nos acusem cegamente de seguir tradições humanas ao não praticar o batismo por imersão. Batismo não significa imersão em nenhuma das seguintes passagens da Escritura:

Marcos 10:38, 39: “Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?”. Isso fala de batismo, mas entender batismo como imersão nesta passagem não tem sentido. Jesus está se referindo, sem dúvida, ao seu sofrimento e morte nestes versículos (veja também Lucas 12:50). Dizer que ele seria imerso no sofrimento ou morte não tem nada a ver.

1 Coríntios 10:2: “E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar”. Este versículo fala dos israelitas sendo “batizados” em Moisés. Eles *não* foram batizados na nuvem ou no mar, mas literalmente, no grego, “em” Moisés “pela” nuvem e mar. Pode o versículo estar dizendo que eles foram imersos em Moisés? A palavra *batismo*, portanto, deve significar algo mais.

1 Coríntios 1:13: “Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?” Aqui Paulo usa linguagem similar à de 1 Coríntios 10:2, e o próprio Jesus fala similarmente em Mateus 28:19. O que poderia significar ser *imerso* no *nome* do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ou em qualquer outro nome?

1 Coríntios 12:13: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito”. Pode a Palavra de Deus estar dizendo que somos *imersos* em um corpo? É difícil ver como isso poderia ter algum significado. De fato, a própria Palavra não fala ali de imersão, mas de beber!

Versículos que falam do batismo em ou com o Espírito Santo não se referem a uma imersão, mas à efusão, derramamento ou aspersão do Espírito (Atos 1:5; Atos 2:17, 18). Nós não somos imersos no Espírito Santo.

O que, então, a palavra *batismo* significa? Significa “trazer duas coisas a um contato próximo, de forma que a condição da primeira é transformada pela outra”. A palavra não diz nada sobre *como* este contato acontece: se por aspersão, derramamento, imersão ou qualquer outro modo.

Portanto, ser batizado em Moisés, como diz 1 Coríntios 10:2, significa que Israel foi trazido a um contato com ele como o mediador apontado por Deus, um tipo daquele que haveria de vir. Desta forma, a condição deles foi transformada de escravidão à liberdade. Que Cristo foi batizado com morte não significa que ele foi imerso nela, mas que foi trazido ao contato mais próximo possível com ela, de forma que sua condição foi transformada de ser culpado diante de Deus por nossa causa, para ser justificado em nosso favor.

Quando Romanos 6:1-6 diz que fomos batizados na morte e ressurreição de Cristo, a passagem não está dizendo que de alguma forma fomos imersos nestes eventos (o que quer que isso signifique). Ela se refere ao fato que, através da fé, fomos trazidos ao contato com sua morte e ressurreição, de tal forma que nossa condição é totalmente e para sempre transformada. Este é o significado e a realidade do batismo para os crentes.

O Modo do Batismo

Ao falar do modo do batismo, não desejamos antagonizar ninguém ou promover divisão dentro da igreja de Cristo. É nosso profundo desejo ver unidade nessas questões, especialmente com aqueles que de outra forma concordam conosco.

Contudo, freqüentemente ouvimos que não há base bíblica para aspergir infantes e que tal prática é simplesmente uma influência do Catolicismo Romano. De fato, há vários livros anti-Calvinistas no mercado que simplesmente assumem que se uma igreja batiza infantes, ela deve estar errada em outras questões também.

Até onde diz respeito o modo do batismo, não somente cremos que há uma base bíblica e sólida para a prática da aspensão, mas também que esse é o *único* modo de batismo reconhecido pela Escritura. Olhemos para a questão mais detidamente.

Quanto à acusação que a aspensão é simplesmente uma influência do Romanismo, apontaríamos que isso não é argumento de forma alguma. Se tudo o que Roma ensina deve ser descartado no Protestantismo, até mesmo a doutrina da Trindade deve ser abandonada! Além do mais, a liturgia Romana para o batismo das crianças diz em suas instruções para as pessoas que estão realizando o batismo, “Ele *imerge* a criança ou *derrama água sobre* a sua cabeça”. Roma também pratica a imersão! Portanto, o assim chamado argumento sobre o Romanismo pode ser descartado.

Quanto ao fundamento bíblico para aspensão ou infusão,⁶ a evidência, parece-me, é inequívoca. Apontaremos os seguintes fatos:

Todos os batismos cerimoniais do Antigo Testamento foram realizados por aspensão ou infusão. Que esses foram batismos reais é claro a partir de Hebreus 9:10, onde a palavra grega do NT *baptismos* é usada, mas traduzida nas versões ACF, ARA e ARC como “abluções” (veja também vv. 13, 19, 21).

O batismo do Espírito Santo, simbolizado pelo batismo com água, é sempre descrito na Escritura em termos de aspensão ou infusão (Is. 44:3; Ez. 36:25; Joel 2:28, 29; Ml. 3:10; Atos 2:17, 18; Atos 10:44, 45).

Da mesma forma, a aplicação do sangue de Cristo em nós, simbolizada pela água do batismo, é sempre descrita na Escritura como sendo aspergida (Is. 52:15; Hb. 10:22; Hb. 12:24; 1Pe. 1:2).

Os grandes batismos tipológicos do Antigo Testamento, chamados de batismos no Novo Testamento (1Co. 10:2; 1Pe. 3:20, 21), não foram por imersão. De fato, os únicos que foram *imersos* nesses batismos tipológicos

⁶ “Infusão (de infundir, que significa derramar) consiste no derramamento de um pouco de água sobre o recém-nascido”. (N. do T.)

foram Faraó e o seu exército, e o mundo ímpio dos dias de Noé. Assim, também, o ímpio será imerso no lago de fogo. A imersão é uma figura, cremos, de julgamento, e não de salvação.

O Batismo do Etíope Eunuco e de Jesus

Continuando nosso estudo do modo do batismo, desejamos olhar para o batismo do eunuco etíope (Atos 8) e de Jesus (Mt. 3; Marcos 1). Esses são geralmente tomados como sendo os exemplos mais claros na Escritura de batismo por imersão.

O batismo do eunuco. É geralmente assumido que as palavras “desceram ambos à água” e “saíram da água” em Atos 8:38, 39 descrevem o *batismo* do eunuco e o fato que ele deve ter sido imerso. Existem dois problemas com esta visão.

Um problema são as preposições usadas – “à” (*eis*, no grego) e “da” (*ek*) não implicam imersão de forma alguma. A palavra *à* no Novo Testamento é traduzida de muitas formas diferentes, incluindo:⁷ “at” [em, no, por] (20 vezes), “in” [dentro, em, no] (131), “into” [em, entre] (571), “to” [para] (282), “toward” [em direção a, para] (32), e “unto” [até, para] (208). Isso pode ser verificado com uma boa concordância. A palavra *da* é traduzida variadamente: “from” [de, por] (182 vezes), “up from” [de dentro de] (2), e “out of” [da, fora de] (131). Substituir essas traduções diferentes nos dois versículos mostrará imediatamente que diferença isso faz. O ponto é que essas duas palavras não estão descrevendo o batismo de forma alguma, mas o que aconteceu imediatamente antes e após o batismo.

As duas preposições usadas em Atos 8 obviamente não podem estar descrevendo o batismo, visto que são aplicadas tanto ao eunuco como a Filipe. Se elas estão descrevendo um batismo por imersão, então Filipe também batizou a si mesmo por imersão. Ele também “desceu” e “saiu” da água. Ou as palavras descrevem o batismo por imersão de ambos – Filipe batizando a si mesmo, bem como ao eunuco – ou não descrevem nenhum batismo de forma alguma.

Finalmente, e mais importante, o batismo de Jesus, quando observado à luz da Escritura, não pode ter sido por imersão. Olhemos para alguns fatos sobre o batismo de Jesus dados em Mateus 3 e Marcos 1.

Em Marcos 1 as mesmas palavras gregas de Atos 8 são usadas. Em Mateus 3:16 uma preposição diferente é usada, a palavra grega *apo*. Essa palavra é traduzida como “from” [de, por] 372 vezes e como “out of” [da, fora de] somente 27 vezes.

Há uma consideração adicional na história do batismo de Jesus. Não pode ser ignorado que ele foi batizado aos 30 anos de idade (Lucas 3:23), por um sacerdote (João o Batista era um sacerdote como seu pai Zacarias, Lucas

⁷ Coloquei o termo em inglês, pois muitas palavras diferentes no inglês são traduzidas pela mesma palavra em português, mas com significado diferente. Por exemplo, *para* pode significar “na direção de” [Foram para a água...] ou “a, em” [Para o lado do rio...]. Vale lembrar também que o número de ocorrências é do termo em inglês na versão KJV (N. do T.)

1:5, 13), e com água. No momento do seu batismo, Jesus disse de todas essas coisas: “Assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt. 3:15).

Que Jesus cumpriu “toda a justiça” com seu batismo pode se referir apenas ao fato que ele cumpriu as justas demandas da lei. Qual lei? A lei para a consagração de um sacerdote. Um sacerdote deveria ser consagrado por outro sacerdote (Ex. 29:9; Nm. 25:13),⁸ e consagrado por aspersion com água (Nm. 8:6, 7).⁹

Ao cumprir a lei, portanto, Cristo não poderia ter sido batizado de outra forma senão por aspersion, ou estaria quebrando a lei, e não cumprindo a mesma. O batismo de Cristo não é prova, portanto, que a imersão é o modo apropriado de batismo, mas exatamente o oposto. Imploramos que aqueles que crêem de outra forma considerem isso cuidadosamente.

⁸ “E os cingirás com o cinto, a Arão e a seus filhos, e lhes atarás as tias, para que tenham o sacerdócio por estatuto perpétuo, e consagrarás a Arão e a seus filhos” e “E ele, e a sua descendência depois dele, terá a aliança do sacerdócio perpétuo, porquanto teve zelo pelo seu Deus, e fez expiação pelos filhos de Israel”.

⁹ “Toma os levitas do meio dos filhos de Israel e purifica-os; E assim lhes farás, para os purificar: Esparge sobre eles a água da expiação; e sobre toda a sua carne farão passar a navalha, e lavarão as suas vestes, e se purificarão”.

Batismo Infantil no Novo Testamento

Uma objeção comum à prática do batismo infantil é que não existe nenhuma passagem no Novo Testamento que fale de infantes sendo batizados. Isso simplesmente não é verdadeiro. Na verdade existem duas.

Uma é 1 Coríntios 10:2, que já analisamos em outra conexão: “E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar”. A passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho é descrita como um batismo – um batismo que claramente incluiu infantes (Ex. 10:9; Ex. 12:37). De fato, seria difícil negar que havia crianças entre os israelitas naquele momento, pois mais de dois milhões de israelitas saíram do Egito (Ex. 12:37,38).

O ponto é que o cruzamento do Mar Vermelho é um batismo pela definição e uso dessa palavra no Novo Testamento. A palavra *batismo* no Novo Testamento é usada para descrever esse evento em 1 Coríntios 10:2. A objeção Batista que isso aconteceu no Antigo Testamento não pode mudar isso. O uso da palavra *batismo* nesse versículo mostra que a palavra no Novo Testamento nem sempre significa “imersão”, como já provamos anteriormente. Os israelitas não foram imersos no Mar Vermelho.

Além do mais, o fato que o cruzamento do Mar Vermelho aconteceu no Antigo Testamento na verdade enfatiza o ponto importante que o *batismo* não é algo novo, presente só no Novo Testamento. Existem muitos batismos no Antigo Testamento, como Hebreus 9:10 claramente mostra: “consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção”. A palavra *abluções*¹⁰ é na verdade a palavra *batismos*. E que esses eram batismos reais é evidente a partir das referências do Novo Testamento aos mesmos como tal. Um desses batismos é descrito no versículo 19 como sendo aplicado a “todo o povo”, e sabemos a partir das Escrituras que isso incluía as crianças (Ex. 20:12).

A objeção Batista que esses eram batismos *tipológicos* não muda nada. Todos os batismos com água são símbolos e figuras de alguma coisa. De fato, aqueles do Antigo Testamento bem como do Novo Testamento simbolizam *exatamente a mesma coisa*: o lavar dos pecados pelo sangue e pelo Espírito de Jesus Cristo (1Co. 10:2; especialmente Hb. 9:13, 14, 22; e 1Pe. 3:21).

Esses versículos são importantes, pois mostram que os batismos do Antigo Testamento tinham exatamente o mesmo significado que aqueles do Novo Testamento. Eles significavam a purificação e remissão dos pecados

¹⁰ A palavra grega usada nesse versículo, traduzida como abluções, é *baptismos*. (N. do T.)

pelo derramamento de sangue (Hb. 10:22, 23). Ser batizado no Antigo Testamento tinha exatamente o mesmo significado que no Novo, a única diferença sendo que no Antigo Testamento ele apontava para frente; desde a morte de Jesus, ele aponta para trás.

Por conseguinte, não existe nenhuma diferença entre os dois testamentos, nem mesmo na questão do batismo. Pensar de outra forma é ir à direção do dispensacionalismo e separar o Antigo do Novo Testamento.

O batismo não era algo novo e nunca ouvido pelos israelitas quando João começou a batizar no rio Jordão. Nem a idéia do batismo infantil no Antigo Testamento não deveria nos surpreender. Existe apenas um povo de Deus, um pacto, um caminho de salvação e um sinal do pacto, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Batismo de Família

Preferimos descrever o batismo como batismo de “família” ou “casa”, e não como batismo “infantil”.

Primeiro, ninguém batiza somente infantes. Aqueles que se converteram mais tarde na vida, e nunca foram antes batizados, são batizados como adultos, mesmo em igrejas que batizam infantes.

Segundo, o batismo de família ou casa é o tipo de batismo que a Escritura descreve quando falando daqueles que devem ser batizados.

Terceiro, “batismo de família” serve como um lembrete de como e porquê passagens tais como Atos 16 são prova para a prática de batizar infantes, bem como adultos.

É muito claro que a Escritura fala de batismo de família. Em Atos 16 as casas de Lídia e do carcereiro de Filipo foram batizadas por Paulo (vv. 15, 33). Paulo fala em 1 Coríntios 1:16 de ter batizado a casa de Estéfnas. Lemos em Atos 10:48 do batismo da casa de Cornélio por Pedro. Esse, então, é o padrão do Novo Testamento para o batismo.

Portanto, essas passagens são usadas para apoiar a prática de batizar os *filhos* de crentes. (Sem dúvida, é verdade que não sabemos se existiam crianças pequenas nessas casas, mas é improvável que não houvesse nenhum infante nessas quatro famílias). Todavia, se o batismo de família ou casa é o padrão lançado na Escritura, é impossível praticar o mesmo sem batizar os infantes, visto que a maioria das casas os inclui.

Adicionaríamos que, se o “batismo de crentes” somente é a regra da Escritura, como os Batistas ensinam, o batismo de família ou casa se torna uma impossibilidade. Mesmo que aconteça de diferentes membros da mesma família se converter e serem batizados ao mesmo tempo numa igreja Batista, eles ainda não serão batizados como membros de uma casa ou família, mas como indivíduos, cada qual como resultado de sua profissão de fé.

O batismo de casas e famílias segue da crença no pacto familiar de Deus: que ele soberana, graciosa e imutavelmente promete a salvação às famílias e casas, prometendo ser o Deus dos crentes e dos seus filhos (Gn. 17:7; Atos 2:39).

A prática, contudo, não significa que se presume que cada membro de uma casa seja necessariamente salvo. Mas o batismo mesmo daqueles que professam a fé como adultos nunca pode ser uma garantia, também. *Nunca* o batismo prova ou diz que a pessoa batizada está certamente salva.

A prática de batizar famílias ou casas, seguindo o claro exemplo da própria Escritura, é um memorial ao fato que Deus mesmo é uma família –

Pai, Filho e Espírito Santo – e que ele magnifica sua graça e revela a si mesmo enviando salvação a famílias. Ele é, de veras, o Deus das famílias (Sl. 107:41).

Batismo e Entrada no Reino

Uma passagem freqüentemente usada por aqueles que praticam o batismo infantil como prova do que crêem é Marcos 10:13-16, que descreve Jesus abençoando os pequeninos. Aqueles que sustentam o assim chamado “batismo dos crentes” consideram o uso dessa passagem embaraçosa, visto que não fala de batismo de forma alguma.

Todavia, Marcos 10 é um texto prova que *pode* ser usado para apoiar o batismo infantil. Isso é verdade por várias razões, mas devemos observar desde o início que essas crianças eram de fato *infantes* (Lucas 18:15, KJV).¹¹

Primeiro, os infantes nessa passagem foram recebidos por Jesus, que também os tomou em seus braços e os abençoou. Ser recebido nos braços de Jesus e abençoado é nada menos que a própria salvação. Que esses infantes foram salvos por Jesus é evidente a partir dos versículos 14 e 15, onde ele fala deles recebendo o reino.

Dessa salvação e recepção do reino, o batismo é uma *figura* ou *senal*, que nos mostra como entramos no reino. O argumento, então, é esse: Se esses infantes podem receber a *realidade* para a qual o batismo aponta, por que não podem receber o *senal*? Colocando de forma diferente: Se eles podem receber a coisa maior, por que não a menor? Cremos que, visto que podem e recebem a realidade, eles *devem* também receber o sinal. A salvação é prometida a eles, bem como aos adultos no pacto da graça.

Segundo, Jesus nos diz no versículo 15 que ninguém recebe o reino, exceto na forma que um infante o recebe, isto é, passivamente, sem conhecimento e pelo poder da graça somente. Receber o reino como um pequenino, portanto, é recebê-lo sem obras – sem qualquer esforço da nossa parte. Essa é a única forma que um infante *pode* receber o reino.

Na verdade, essa é a única forma que *qualquer um* pode receber o reino. Inicialmente, quando a salvação chega, não estamos procurando nem a desejando. Estamos, afinal, mortos em delitos e pecados, e é somente quando Deus graciosamente nos *dá* a salvação e o reino, ao nos regenerar, que também começamos a buscar e conhecer o que ele fez. Portanto, Jesus nos diz que há somente uma forma de receber o reino – como uma criança pequena. Se não o recebemos dessa forma, não recebemos de forma alguma.

Nisto reside outra razão para batizar os infantes. Não dizemos que cada infante batizado está necessariamente salvo, mas vemos no batismo de cada infante uma figura de como a salvação é possível para um infante segundo a promessa do pacto de Deus, a saber, pelo poder da graça soberana.

¹¹ Lemos na ARA e ARC simplesmente *crianças*, mas o termo grego é *brepheos*, que segundo o Léxico Grego de Strong significa: 1) criança não nascida, embrião, feto; 2) criança recém-nascida, infante, bebê. (N. do T.)

De fato, em cada infante batizado temos uma figura de como qualquer e cada um de nós foi salvo – não por nossa disposição ou esforço, mas pelo poder onipotente da graça soberana, que nos chegou quando não estávamos pedindo ou procurando. Deus nos dá nova vida e nascimento.

O propósito, então, do batismo infantil é mostrar *como* somos salvos: não provar a salvação do infante que é batizado (o batismo com água *nunca* pode fazer isso). O batismo mostra o único caminho da salvação e nos lembra que Deus promete salvar os filhos dos crentes pela mesma graça soberana que salvou seus pais. Quão triste o fato de muitos não terem ou verem esse testemunho no batismo de infantes indefesos.

Batismo e Circuncisão

Um dos argumentos para o batismo infantil ou de famílias é a correspondência entre circuncisão e batismo. Isso não é fácil de ver, visto que os sinais externos parecem ser inteiramente diferentes um do outro.

Deve ser apontado, contudo, que o que referimos como circuncisão e batismo são apenas os *sinais*; e até onde diz respeito o significado desses sinais, eles são *exatamente* o mesmo. A *realidade* da circuncisão é exatamente a mesma *realidade* do batismo.

A circuncisão real e o batismo real são a própria salvação, isto é, a remoção do pecado pelo sacrifício de Cristo na cruz. No caso da circuncisão, isso é claro a partir de Deuteronômio 30:6¹² e Colossenses 2:11¹³, e no caso do batismo a partir de Romanos 6:1-6¹⁴ e 1 Pedro 3:21¹⁵. Os sinais são exatamente os mesmos até onde diz respeito a realidade espiritual, e embora os sinais em si possam parecer muito diferentes, eles simbolizam a *mesma* verdade espiritual.

Dizer que os dois são completamente diferentes é cair no erro do dispensacionalismo e dizer que existem *dois caminhos diferentes de salvação*, um no Antigo e outro no Novo Testamento. A maioria dos Batistas tentam evitar isso insistindo, a despeito de Deuteronômio 30:6 e Colossenses 2:11, que a circuncisão no Antigo Testamento *não* era um sinal de salvação, mas apenas certo tipo de marca para identificar os membros da nação de Israel.

Isso Paulo rejeita em Romanos 2:28¹⁶, onde ele insiste que a circuncisão exterior não é a coisa real de forma alguma, e que ser um judeu exteriormente não é nada: a única circuncisão que importa é aquela do *coração*, e o único judeu é aquele que é *interiormente*. Todos aqueles que desejam manter que existe algo especial sobre ser um descendente natural de Abraão deveriam ler esse versículo.

Por que, então, existe uma diferença entre os sinais exteriores da circuncisão e do batismo? Isso pode ser visto à luz da principal diferença entre o Antigo e Novo Testamento. No Antigo Testamento todas aquelas coisas que apontavam para Cristo envolviam o derramamento de sangue (Hb. 9:22),

¹² “E o SENHOR teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao SENHOR teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma, para que vivas”.

¹³ “No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo”.

¹⁴ “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado”.

¹⁵ “Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo”.

¹⁶ “Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne”.

mas uma vez que o sangue de Cristo foi derramado, não poderia mais haver nenhum derramamento de sangue (Hb. 10:12), nem mesmo na circuncisão.

Essa é a *única* diferença real entre os sinais da circuncisão e do batismo. Em significado e realidade eles são exatamente a mesma coisa. A própria Escritura os identifica em Colossenses 2:11, 12. Talvez porque essa é uma longa sentença em dois versículos, somos inclinados a perder o ponto que Paulo está fazendo. Ele diz ali que ser circuncidado *é* ser batizado. Esse é um dos pontos principais de Colossenses 2. Falando aos crentes gentios, Paulo lhes diz que eles têm todas as coisas em Cristo (vv. 10, 11), *incluindo a circuncisão!* Eles não têm carência de nada em Cristo, em quem habita a plenitude da divindade corporalmente (v. 9).

O fato que a circuncisão e o batismo não somente têm o mesmo significado, mas são também a mesma coisa até onde diz respeito as suas *realidades espirituais*, é a razão pela qual os sinais exteriores devem ser administrados (sob o único e eterno pacto de Deus) ao povo de Deus, incluindo os infantes, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Incrédulos e o Pacto

Uma objeção dos Batistas ao batismo infantil é que alguns que não são e nunca serão salvos são batizados. Eles constantemente recordam àqueles que praticam o batismo infantil que ao batizar infantes, estão batizando pessoas que não se arrependeram e não professaram a fé. Para os Batistas isso parece totalmente arbitrário.

Ao responder a essa objeção, apontaremos que é impossível, quer nas igrejas Batistas ou Reformadas, batizar *somente* pessoas salvas. Porque os segredos do coração são desconhecidos para nós, mesmo as igrejas Batistas podem batizar aqueles que meramente fizeram uma *profissão* (confissão) de fé e arrependimento.

Quando temos apontado isso para vários amigos e conhecidos Batistas, a resposta deles tem sido geralmente: “Mas nós batizamos *menos* pessoas não-salvas do que vocês”. A verdade é que, se um Batista batizar ao menos *uma* pessoa não-salva, ele não está mais praticando o “batismo de crentes”, mas algo que pode ser chamado de “batismo de professos”.

Mais importante, contudo, é o fato que na Escritura tanto circuncisão como batismo são deliberadamente aplicados aos incrédulos. Abraão circuncidou Ismael após ser informado que Ismael não tinha nenhuma parte no pacto (Gn. 17:18, 19), e Isaque circuncidou Esaú após saber que este era réprobo (Gn. 25:23, 24).

O Batista argumenta nesse ponto que a circuncisão era somente uma marca de identidade nacional. Isso simplesmente não é verdade, contudo, à luz do que a Escritura diz sobre circuncisão. Ela sempre foi um sinal de despojar-se “do corpo dos pecados da carne pela circuncisão [morte] de Cristo” (Cl. 2:11; ver também Dt. 10:16; Dt. 30:6; Jr. 4:4).

O mesmo é verdade do batismo. O batismo no Mar Vermelho (identificado como um batismo em 1Co. 10:1, 2¹⁷) foi aplicado por Deus a muitos de quem “Deus não se agradou” e que subseqüentemente foram destruídos por Satanás (vv. 5-10). Cão também foi “batizado” (1Pe. 3:20, 21) com o restante da família de Noé.

A única questão, então, é esta: “Por que Deus se agradou em ter o sinal do pacto e da salvação, tanto no Antigo como no Novo Testamento, aplicado tanto aos não-salvos como aos salvos?”. Se eles são adultos ou crianças não faz diferença. Mesmo o Batista deve responder essa pergunta.

A resposta a essa pergunta reside no propósito eterno de Deus. Somente alguém que creia firmemente que Deus ordenou eternamente todas

¹⁷ “Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar”.

as coisas, incluindo a salvação de alguns e não de outros, pode dar uma resposta clara e inequívoca.

A resposta deve ser que a circuncisão no Antigo Testamento e o batismo no Novo, bem como a pregação do evangelho, é um poder e testemunho tanto para a salvação como para *o endurecimento e condenação*, e fazem isso de acordo com o propósito de Deus (2Co. 2:14-16). Portanto, batizamos infantes e adultos, entendendo que Deus usará isso para a salvação de alguns e para a condenação de outros, de acordo com o seu propósito, como no caso de Ismael, Esaú e Cão.

Fé e Batismo

Desejamos lidar agora com o importante argumento Batista de que a fé deve *necessariamente* preceder o batismo. Assim, os Batistas falam do batismo como “batismo de crentes”.

A primeira coisa que deve ser dita é que a posição Batista é uma impossibilidade. Como temos apontado, os Batistas podem, na melhor das hipóteses, batizar somente aqueles que fazem *profissão* (confissão) de fé. Porque ninguém pode conhecer o coração, não há forma de assegurar que todas as pessoas batizadas são de fato crentes.

A resposta Batista comum, como explicamos anteriormente, é que eles batizam bem menos incrédulos do que aqueles que praticam o batismo infantil ou de famílias. Isso, sem dúvida, não poder ser provado, mas o fato é que se uma igreja Batista batiza ao menos um hipócrita ou incrédulo, ela não está mais praticando o “batismo de crentes”.

Mas esse não é o ponto principal. As palavras de Jesus em Marcos 16:16 declaram: “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”. Esse versículo precisa ser explicado, especialmente como suas palavras são o mandamento e a garantia para a igreja do Novo Testamento ser batizadora.

Primeiro, o versículo não diz (embora todo Batista leia dessa forma): “Quer crer e *então* for batizado será salvo”. Apenas diz que fé e batismo são necessários para a salvação.

Segundo, simplesmente porque fé e arrependimento são *listados* nessa ordem não significa que elas devam necessariamente *acontecer* nessa ordem. Em 2 Pedro 1:10¹⁸ a vocação é listada antes da eleição, mas a vocação não acontece antes da eleição, como todo calvinista sabe.

A ordem em Marcos 16:16 é simplesmente a ordem de importância. A fé é lista antes do batismo porque é muito mais importante. Vemos isso na última parte do versículo, onde o batismo sequer é mencionado novamente, embora a fé seja.¹⁹

Se a ordem em Mateus 16:16 é a ordem temporal, ou a ordem na qual as coisas devem acontecer, então a ordem é fé, batismo, *salvação*: “Quem crer e for batizado será *salvo*”. Ninguém deseja tal ordem!

Em adição a isso, existem passagens no Novo Testamento sugerindo que pelo menos em alguns casos, a fé *não* precede o batismo. Atos 19:4²⁰ nos

¹⁸ “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição...”.

¹⁹ “... mas quem não crer será condenado”.

²⁰ “Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo”.

fala sobre o batismo de João e como este dizia às pessoas *quando as batizava* que elas deveriam crer naquele que haveria de vir após ele. João não as batizou devido ao fato de *já* terem crido em Cristo!

Com respeito ao versículo 4, o Batista tem duas opções. Ele pode dizer que o batismo de João não era o verdadeiro batismo do Novo Testamento, embora mais da metade das referências a batismo no Novo Testamento *sejam* ao batismo de João (e então, nenhuma conclusão pode ser extraída delas para a prática neo-testamentária), ou pode admitir que a fé nem sempre precisa preceder o batismo.

Discipulando e Batizando as Nações

Mateus 28:19 é a ordem de Cristo autorizando o batismo na igreja do Novo Testamento: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Essa passagem também estabelece o batismo como um ritual universal e não simplesmente judaico.

Há duas coisas que desejamos apontar sobre esse importante versículo. Ao invés de ser prova contra o batismo infantil, esse versículo é justamente o oposto – uma prova muito forte para ele. Os Batistas argumentam que Jesus nos ordena primeiramente a ensinar (fazer discípulos) as nações e então batizá-las. Os infantes, dizem eles, não são grandes o suficiente para serem ensinados ou discipulados e, portanto, não podem ser batizados. Contudo, isso ignora vários pontos importantes.

Primeiro, como já mostramos em conexão com Marcos 16:16, a palavra *então* não está no versículo. Jesus não diz: “Ensinai todas as nações, e *então* as batize”. Se tivesse, os Batistas estariam corretos ao ensinar o batismo somente dos crentes.

Segundo, o versículo fala de nações, não indivíduos. Na própria natureza do caso, portanto, essas duas atividades de discipular e batizar devem acontecer simultaneamente. Uma pessoa não pode esperar até que toda uma nação seja ensinada antes de começar a batizar, ou não haveria nenhum batismo.

A própria gramática do texto é contra a visão Batista. O texto deve ser entendido como dizendo: “Ensinai todas as nações *quando* batizarem-nas” ou “Ensinai todas as nações *após* batizá-las”. Não pode significar “Ensinai todas as nações *antes* de batizá-las”. A passagem, de fato, não diz *nada* sobre a ordem na qual o ensino e o batismo ocorrem.

Além do mais, nações incluem crianças. É impossível discipular e batizar nações sem também discipular e batizar as crianças que pertencem a essa nação.

Nem pode ser esquecido que Mateus 28:19 é um cumprimento de Isaías 52:15: “Assim, borrifará muitas nações”. Em Mateus devemos sempre olhar para as profecias do Antigo Testamento que são cumpridas, pois esse é um dos grandes temas desse Evangelho. Mateus sempre mostra Jesus como o cumprimento do Antigo Testamento (veja os capítulos 1 e 2 especialmente). A escolha mais óbvia para uma profecia cumprida nesse caso é Isaías 52:15.

Esse borrifar (aspergir) das nações no versículo em Isaías fundamenta-se sobre a obra de Cristo ao sofrer e morrer pelo pecado. Ao ter seu parecer “tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer” (v. 14), ele borrifa muitas

nações. Vemos isso acontecendo no Novo Testamento em obediência ao mandamento de Cristo em Mateus 28:19.

E não somente Isaías 52:14 identifica o batizar as nações com o borrifar, mas por todo o livro o profeta fala dessas nações sendo reunidas para essa borrifação (aspersão) *com suas crianças*. Quando vêm a Cristo para aspersão e salvação, eles trazem seus filhos e filhas, e mesmo os recém-nascidos com eles (Is. 49:22; Is. 60:4). Essa aspersão prometida das nações, cumprida na obra salvadora do Senhor Jesus Cristo, é retratada e lembrada no batismo. Não por imitação ao Catolicismo Romano ou por mera tradição, mas em obediência à Palavra de Deus, o Reformado pratica o batismo infantil.

A Ceia do Senhor

Sob o título “Dois Sacramentos”, dissemos que a diferença entre os dois sacramentos reside no fato que o batismo representa a nossa entrada no pacto e comunhão com Deus, enquanto a ceia do Senhor representa nossa vida nesse pacto uma vez que tenhamos entrado. Os dois juntos, portanto, representam o todo da nossa vida cristã e mostram que ela é pela graça somente.

O testemunho único dos dois sacramentos é que Cristo e o seu sacrifício são *tudo*. A água do batismo mostra que entramos no pacto de Deus pela morte e sangue de Cristo, enquanto a ceia do Senhor diz que uma vez que tenhamos entrado no pacto e reino de Deus, a mesma morte e sangue de Cristo são nossa vida, alimento e força.

A ceia do Senhor simboliza o que significa viver no pacto de Deus. Ela nos retrata assentando na mesa do Senhor como membros de sua família e fala de como Deus, nosso Pai, cuida de nós e supre todas as nossas necessidades. De fato, a ceia do Senhor, como veremos, não somente retrata essas coisas, mas é também um meio pelo qual desfrutamos essa comunhão e cuidado.

O simbolismo da ceia do Senhor tem vários elementos diferentes, todos eles enfatizando a comunhão e provisão de Deus, bem como o que significa viver no pacto de Deus.

Primeiro, há a *mesa* em si. Esse elemento é tão importante que o sacramento é até mesmo chamado de “a mesa do Senhor” (1Co. 10:21). A mesa simboliza nosso lugar na família de Deus e o fato que o Senhor nos ama como um Pai e supre tudo o que necessitamos.

Segundo, há *o pão e o vinho*. Partido e derramado, eles simbolizam o corpo partido e o sangue derramado de Cristo como nossa comida e bebida espiritual diária, nosso alimento e refrigério, e os meios pelos quais nossa vida espiritual é alimentada, sustentada, cresce e se desenvolve, e é preservada para a vida eterna. Tomemos nota disso. O sacrifício de Cristo não é somente pagamento pelos nossos pecados e a forma na qual somos restaurados ao favor e comunhão de Deus, mas é também nossa força, alimento e ajuda diária, até que deixemos essa vida e entremos em nosso lar eterno. A ceia do Senhor diz que Cristo é tudo, e em todos.

Terceiro há *o comer e beber*. Isso retrata nossa fé e nos mostra a importância e necessidade da fé. Comida e bebida não são de nenhum benefício sem o nosso comer e beber. O corpo partido e o sangue derramado de Cristo não são de nenhum benefício para nós sem fé. Não existe, como o Catolicismo Romano ensina, alguma bênção automática no comer e beber o

pão e o vinho da ceia do Senhor. A Confissão Belga, um dos credos Reformados, chama a fé de “a mão e a boca da nossa alma”.²¹ Assim, o comer e beber na ceia do Senhor nos lembra que assim como tomamos e comemos nosso pão diário, e o recebemos em nosso corpo, assim pela fé realmente recebemos a Cristo, que pela fé habita em nós e é a nossa força e vida.

Que belo retrato!

²¹ Confissão Belga, Artigo 35.

A Presença de Cristo na Ceia do Senhor

Devemos lamentar o fato da ceia do Senhor, que simboliza a unidade da família de Deus, ser um assunto de tanta divisão e debate entre as igrejas. Todavia, as questões envolvidas não são sem importância.

A questão maior, sem dúvida, tem a ver com se Cristo está ou não presente em e na ceia do Senhor. Nossa visão sobre esse assunto tem uma grande influência sobre como participamos da ceia: supersticiosamente ou com fé, indiferentemente ou com cuidado.

As diferentes visões são as que seguem.

A visão do *Catolicismo Romano*, chamada *transsubstanciação*, ensina que o pão e o vinho da ceia do Senhor são “transformados no” corpo e sangue de Cristo quando abençoados pelo sacerdote. Essa visão coloca a fé de lado, pois tudo o que alguém precisa para receber a Cristo é comer o pão e beber o vinho. Isso também lança o fundamento para a Missa, pois quando o pão, que supostamente não é mais pão, mas sim corpo, é partido, então o sacrifício de Cristo é repetido novamente. A própria palavra *Missa* significa “sacrifício”.

A visão dos *Luteranos* ensina que o corpo físico e o sangue de Cristo estão presentes *com* o pão e o vinho. Essa visão, chamada *consustanciação*, está sujeita às mesmas críticas que a visão do Catolicismo Romano, embora não inclua a doutrina da Missa. As duas ensinam a presença *física* de Cristo.

Segundo a opinião geral, a visão da maioria dos *evangélicos* era também a do reformador suíço do século dezesseis, Ulrico Zwínglio. Ela diz que Cristo não está presente na Ceia do Senhor, em nenhum sentido, mas que a ceia é apenas um *memorial* ou *lembrança* da morte de Cristo. Embora evitasse claramente os erros do Romanismo e Luteranismo, todavia, essa visão não é bíblica, como veremos, e não explica o porquê a ceia do Senhor deve ser tratada com cuidado. Se a ceia é apenas uma lembrança, não há nenhuma necessidade de auto-exame e medo de “condenação” (1Co. 11:29).

A *visão Reformada* da ceia do Senhor é que Cristo está *realmente presente*, mas *espiritualmente*, não *fisicamente*. Ele está, em outras palavras, presente à fé do povo de Deus e tem comunhão com eles, alimentando-os consigo mesmo através da fé. Ele usa o pão e o vinho para dirigir a fé deles em direção a ele.

Essa visão Reformada é claramente ensinada em 1 Coríntios 11:29, que fala de “discernir o corpo do Senhor” na ceia do Senhor e está implicada também nas próprias palavras de Jesus na instituição da ceia do Senhor: “Este é o meu corpo”. Somente porque Cristo está presente na ceia, uma pessoa pode comer ou beber julgamento para si quando comendo ou bebendo sem o devido auto-exame. Somente porque Cristo está presente pode haver alguma bênção na ceia. A visão Reformada, que é também bíblica, dá muito maior

significado e benefício à ceia do Senhor. Então, no sacramento encontramos e desfrutamos de Cristo em sua plenitude, como nosso Salvador e Redentor. Que assim o façamos!

Pão e Vinho na Ceia do Senhor

Uma pergunta que poderíamos fazer nessa relação com a ceia do Senhor é: “Por que existem dois elementos (pão e vinho) nesse sacramento, quando há somente um (água) no sacramento do batismo?” Essa é uma pergunta muito significativa até onde diz respeito o significado da ceia do Senhor.

Se estudarmos a Escritura, descobriremos que o pão simboliza as necessidades básicas da vida. Por essa razão, referimo-nos comumente ao pão como “o sustento da vida” e oramos pelo nosso “pão diário” na oração do Senhor, através do que oramos por todas as nossas necessidades terrenas. O pão da ceia do Senhor, portanto, retrata o sacrifício de Cristo como a necessidade absoluta para a nossa vida espiritual. Assim como não podemos viver sem o “pão diário”, não podemos viver sem Cristo, o pão da vida.

Mas por que o vinho?

O vinho na Escritura simboliza luxúria, abundância, gordura, prosperidade, alegria, satisfação e banquete (Dt. 28:51; Sl. 104:15; Is. 55:1; Joel 3:18). Ele representa aquilo que está acima e além das necessidades da vida, que torna a vida mais que mera existência, que dá satisfação e regozijo.

O vinho da ceia do Senhor, portanto, simboliza o fato que Cristo não é apenas a necessidade básica da nossa vida espiritual, mas a gordura, prosperidade e alegria dela também. Ou, para colocar de uma forma diferente, o vinho nos lembra que Deus em Cristo nos dá o que *precisamos*, mas além disso, sempre nos dá “muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos” (Ef. 3:20). Deus é deveras rico em misericórdia e cheio de bondade para com o seu povo.

Esses dois elementos da ceia do Senhor, tomados juntos, nos lembram uma vez mais que Cristo é tudo. O testemunho principal da ceia do Senhor é que Cristo é o Alfa e o Omega da nossa salvação; que não temos nada sem ele, e com ele temos tudo; e que ele e somente ele é digno do nosso desejo, amor e serviço.

Que nós possamos, ao desfrutar do dom de Deus da ceia do Senhor, buscá-lo com coração íntegro e gozá-lo em toda a sua plenitude, não confiando em nós mesmos nem buscando algo além dele, mas nos alimentando de sua plenitude e sendo revigorados pela sua graça, desfrutando uma prova daquilo que teremos quando finalmente deixarmos essa vida e nos encontrarmos com ele na morada que preparou para nós, na casa do Pai.

Auto-Exame e a Ceia do Senhor

A Escritura ordena um auto-exame diligente em relação com a ceia do Senhor (1Co. 11:28, 29): “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”. Visto que esse é o nosso dever não somente quando a ceia do Senhor é administrada, mas sempre (Lm. 3:40; 2Co. 13:5), devemos saber o que é um auto-exame.

Observemos, primeiro, que estamos falando sobre *auto*-exame. Não é a vida dos *outros* que somos chamados a examinar, mas a nossa. O exame dos outros leva à justiça própria. O exame de si mesmo leva ao verdadeiro arrependimento e fé em Deus. O exame dos outros é geralmente a nossa forma de *evitar* o auto-exame.

Segundo, auto-exame é exame *de* si mesmo, mas não *por* si mesmo. Se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados (1Co. 11:31). Deus mesmo e sua Palavra devem ser os examinadores (1Cr. 28:9; Sl. 26:2; Sl. 44:21). Nossa oração deve ser aquela do Salmo 139:23, 24: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”. Auto-exame é submissão ao exame que Deus faz de nós.

Terceiro, o propósito do auto-exame *não* é ver se *somos* salvos ou *temos* fé. Isso seria uma impossibilidade. Aqueles que não têm fé não podem realizar um auto-exame verdadeiro, e aqueles que têm não devem duvidar ou encorajar dúvida em si mesmos, questionando sua salvação. Dúvida é pecado. Antes, o propósito do auto-exame é determinar se estamos *na* fé (2Co. 13:5), isto é, vivendo em toda piedade e honestidade, e andando por fé diante de Deus.

Com isso em mente, o auto-exame envolve o escrutínio de três coisas: nossa própria pecaminosidade, a obra da graça de Deus em e por nós, e nosso chamado a viver em obediência e santa gratidão a ele. Olhamos para a nossa pecaminosidade para aprender novamente a profundidade da nossa depravação e para nos assegurarmos que nosso coração não tem nos enganado – que não estamos ocultando nossos pecados (Pv. 28:13) – e para que possamos odiar mais e esquecer os nossos pecados, e correr para a cruz. Examinamos a obra da graça de Deus em nós para que possamos estar mais convencidos que é pela graça somente que vivemos, nos movemos e temos nossa existência espiritual, para que possamos ser mais gratos por tudo que Deus tem feito por nós, e para que possamos depender mais da graça somente. Examinamos nosso chamado para que possamos estar persuadidos dele, esforçarmo-nos mais seriamente para cumpri-lo, e assim continuar no caminho de Deus. Somos, então, chamados a examinar toda a nossa vida cristã, conduta e experiência à luz da Palavra de Deus.

Onde nossa vida e experiência não satisfazem o padrão nos apresentado na Palavra de Deus, somos requeridos a nos arrepender, correr para Cristo e orar por graça. Então, o auto-exame se torna uma auto-reforma e é abundantemente frutífero para a glória de Deus e para o nosso crescimento na graça e no conhecimento.